

O peregrino das Américas: a passagem do italiano João Maria de Agostini pelo Brasil no século XIX (1844-1852)

Alexandre de Oliveira Karsburg*

Resumo: O presente artigo apresenta a trajetória do eremita italiano Giovanni Maria de Agostini pelo território brasileiro em meados do século XIX, investigando como este personagem foi interagindo e respondendo aos diferentes sistemas político-culturais que se deparava.

Palavras-Chave: João Maria de Agostini – religiosidade eremítica – Brasil Império

Abstract: This article presents the history of the hermit Giovanni Maria Agostini of the Brazilian territory in the mid-nineteenth century, investigating how this character was interacting and responding to different political and cultural systems that are encountered.

Keywords: João Maria de Agostini – religious hermit – Brazilian Empire

Saindo da Europa em 1837, o italiano Giovanni Maria de Agostini percorreu, no continente americano, um itinerário pouco comum a alguém que se apresentava como um eremita e dizia estar em busca de uma vida solitária no alto de algum cerro. Atravessou o Atlântico e desembarcou na Venezuela tomando o caminho da Cordilheira do Andes, permanecendo alguns anos entre o Equador e o Peru, morando nas altas montanhas daqueles ermos lugares. Avançando tal e qual um explorador, cruzou a inóspita região amazônica por seus rios, chegando à Província do Pará em meados de 1844.¹ No mês de agosto apareceu no Rio de Janeiro, desembarcando do Vapor *Imperatriz* junto a outros passageiros.²

No dia 15 de dezembro do mesmo ano saiu do Rio de Janeiro como “o italiano Frei João Maria Agostim”, no Vapor *Paquete do Sul* rumo a Santos.³ No dia 24 de dezembro foi registrado na freguesia de Sorocaba, interior paulista, como frei João Maria de Agostinho.⁴

* Doutorando em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista Capes.

¹ As informações sobre seu itinerário desde a Europa até seus dias derradeiros nos Estados Unidos estão no livro do historiador norte-americano Arthur Leon Campa (1994). Por motivos de espaço, deixo de apresentar e de fazer uma análise crítica à fonte utilizada pelo referido historiador que tentou seguir os passos do eremita Giovanni Maria de Agostini em pesquisas feitas na década de 1950.

² “Movimento do Porto. Entrada dia 18 de agosto, da província do Pará e intermédios, 23 dias de viagem, sendo 3 da última parada, no Vapor *Imperatriz*, comandado pelo capitão tenente Lamego”. Dentre os passageiros estava “o italiano Giovanni Ma di Agostine”. Biblioteca Nacional, Setor de Periódicos e Referências, *Diário do Rio de Janeiro*, 19 de agosto de 1844, p. 8.

³ “Movimento do Porto, Saídas dia 15 de dezembro”. BN, *Diário do Rio de Janeiro*, 16 de dezembro 1844, p. 4.

⁴ Livro de Registros de Estrangeiros da cidade de Sorocaba. O documento está no Arquivo do Gabinete de Leitura da referida cidade. Cf. Góes (2007: 89).

Não se sabe por quais caminhos, se por terra ou mar, surgiu em Buenos Aires em 1845 onde foi requisitado pelo governador Juan Manoel Rosas para trabalhar como missionário entre os indígenas. Após contratempos na República vizinha, teve que deixar a região platina entrando no Brasil via Rio Grande do Sul, em meados de 1846. No território sul-rio-grandense, tornou milagrosa uma fonte de água, pregando a uma multidão cada vez maior e sendo seguido fervorosamente aclamado como “monge santo”. Tentando organizar essa devoção popular, acabou acusado de cometer atos que “afetavam a ordem pública”, sendo detido pelas forças policiais e degredado para a Província de Santa Catarina, no final de 1848. Proibido de voltar ao Rio Grande do Sul, permaneceu, até maio de 1849, buscando a almejada vida solitária em uma Ilha ao norte da atual Florianópolis. Logo a seguir, por estar o povo novamente em seu encalço, pediu passaporte para o Rio de Janeiro, o que lhe foi concedido pelo presidente de Santa Catarina, Antonio Pereira Pinto.⁵

Uma vez de volta à capital do Império, permaneceu sob as vistas do Chefe de Polícia da Corte, Antônio Simões da Silva, que, mesmo o proibindo de pregar e avisando que não deveria voltar ao Rio Grande do Sul, o deixou livre para decidir seu destino. Colocou-se provisoriamente em um Asilo que pertencia à Santa Casa de Misericórdia, mas saiu da Corte possivelmente no final de 1849 ou no transcorrer do ano de 1850, tomando caminhos que ainda se desconhece. Porém, para surpresa geral, ousou retornar ao sul do Brasil no final de 1851, pedindo autorização ao vigário de São Borja, padre João Pedro Gay, para pregar na igreja matriz da freguesia.⁶ Desafiando aqueles que o haviam degredado anos antes, dirigiu-se para Porto Alegre, a mais de 600 quilômetros de São Borja, para pedir um passaporte para o Paraguai. Recebeu o documento – importantíssimo por sinal –, mas com o singelo aviso de que deveria sair da Província em 30 dias, caso contrário seria preso e novamente deportado.⁷

Após sair do Brasil, estabeleceu moradia, talvez por um ano, do outro lado do Rio Uruguai, em território das antigas reduções jesuíticas na Argentina, sempre atraindo grande quantidade de pessoas à sua volta. A partir de 1853 não consegui acompanhar sua trajetória de perto, contudo, reencontrei este vigoroso missionário na América do Norte, mais precisamente nos Estados Unidos, nos estados de fronteira com o México. Antes disso, porém, passou pelo Paraguai, Chile e México, de onde foi expulso pelo governo liberal de

⁵ Ofício de Antônio Pereira Pinto ao ministro da Justiça, Euzébio de Queiros Matoso Câmara, em 20 de maio de 1849, Arquivo Nacional (AN), Série Justiça, IJ1-558.

⁶ Conforme carta do padre João Pedro Gay ao vice-presidente da Província do Rio Grande do Sul, Luis Alves de Oliveira Bello, em 7 de janeiro de 1852. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRs), Fundo Assuntos Religiosos, Maço 24, Cx 12.

⁷ Passaporte emitido em 11 de fevereiro de 1852, AHRs, Fundo Polícia, Códice P-143.

Benito Juarez, possivelmente em 1858. Esteve em Cuba e no Canadá logo a seguir, mas novamente não obteve sucesso em suas funções de missionário entre os nativos locais.

Desembarcou em Nova York em 1861 tomando o caminho do oeste norte-americano em busca de lugares ermos onde pudesse reencontrar o modo de vida que parecia mais lhe agradar. Por relatos de pesquisadores do estado do Novo México,⁸ um italiano de nome Juan Maria de Agostini, que antes peregrinou na América do Sul, estacionou nesta inóspita região e ali viveu entre 1862 e 1869, estabelecendo contatos com os moradores locais oferecendo seus serviços de curandeiro e pregador. Interessante que os mexicanos que ocupavam o sul dos Estados Unidos àquela época não o viam como “monge santo”, talvez porque Juan Maria de Agostini se apresentasse de modo distinto, com comportamento típico de eremita em detrimento de outras características que se sobressaíam quando de sua estada na América do Sul. Além disso, talvez o mais importante: não houve milagres em fontes de água.⁹ Este imprevisível italiano, com mais de 60 anos de idade e quase 40 de peregrinação, voltou-se de vez a um de seus objetivos primeiros, que era viver segundo as regras de seu grande inspirador: Santo Antão Abade, o pai dos eremitas cristãos.¹⁰

Grande parte desta trajetória é desconhecida por todos os pesquisadores que procuravam desvendar a vida deste misterioso indivíduo. Conhecido pelos estudiosos da Guerra do Contestado (em Santa Catarina, entre 1912-1916) como João Maria de Agostinho, o primeiro da série de monges andarilhos que palmilhou os sertões meridionais do Brasil no século XIX, este estrangeiro foi estudado mais como uma lenda, um santo, do que um indivíduo de carne e osso. E isso tem explicação. Os vestígios de sua passagem pelo Brasil não permitiram que se chegasse a maiores detalhes de sua vida. Os poucos documentos encontrados eram quase nada esclarecedores sobre sua origem, sua formação, os motivos que tinha para peregrinar e seu destino após 1853. Ao perderem o seu rastro, preencheram-se as lacunas sobre este personagem com hipóteses variadas baseadas em fontes orais e não em

⁸ Archuletta; Holden (2003); Campa (1994); Baca (s/d).

⁹ Milagres amplamente divulgados pela imprensa do Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro em 1848 e 1849. Evento verdadeiramente espetacular, os acontecimentos das “águas santas” atraíram a atenção de médicos, deputados, agentes do governo, bispo e padres. Os jornais que deram notícia dos fatos foram: *O Portogalense*, de 17 de maio de 1848; *O Rio-grandense*, 8 de junho de 1848; *Diário do Rio Grande*, 16 de outubro de 1848. Na Corte, o jornal *Diário do Rio de Janeiro*, de 6 de julho de 1848; *Jornal do Comércio*, 21 de novembro de 1848; *Correio Mercantil*, 23 de novembro de 1848 e outros de menor alcance, além dos *Annaes de Medicina Brasiliense*, n. 10, Abril, 1849, p. 241-242; Para os jornais do Rio Grande do Sul, consulte os seguintes arquivos: Biblioteca Rio-Grandense, na cidade de Rio Grande; Biblioteca Borges de Medeiros e Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, em Porto Alegre. Para os jornais do Rio de Janeiro, pesquisei na Biblioteca Nacional.

¹⁰ Santo Antão Abade viveu nos desertos do Egito por várias décadas do século IV, inspirando, desde então, a um sem número de leigos e religiosos que buscavam imitar o comportamento desse anacoreta. Antão era um santo muito popular no norte da Itália, local de nascimento de Giovanni Maria de Agostini.

indícios documentais, e, na falta de certezas, criou-se em torno daquele italiano uma “aura de santidade” difícil de penetrar devido à falta de novas informações. Se entre os populares dos séculos XIX e XX o monge João Maria foi considerado um santo, entre os pesquisadores ele foi e é um “santo dos excluídos”.¹¹

Santo popular e santo dos excluídos, ou um líder religioso que alimentava a superstição deixando seus seguidores “fanatizados”, o fato é que a trajetória de João Maria de Agostini no Brasil e na América está por ser feita. E ainda que se tenha descoberto novas evidências de sua passagem pelo Brasil, os estudos sobre aquele italiano não avançaram. Na verdade, esta personagem jamais foi tomada em sua individualidade, isto é, não mereceu, até agora, uma investigação exclusiva, ou algo do gênero.

As informações conhecidas, como mencionado, eram poucas, esparsas, e já discutidas por estudiosos, e a idéia de “santo dos excluídos” não fornece grandes esclarecimentos sobre o indivíduo. Contudo, percebi que poderia adotar procedimentos investigativos centrados em análise detalhada dos documentos,¹² atento a informações consideradas como secundárias e que foram negligenciadas pelos demais pesquisadores. Procurei os documentos conhecidos para buscar vestígios que me indicassem caminhos alternativos, ou que pudessem me levar a diferentes arquivos.

Um dos documentos mais citados pela historiografia sobre a presença do italiano João Maria de Agostini no Brasil foi feito na freguesia de Sorocaba, interior paulista, no dia 24 de dezembro de 1844. No Livro de Registros de Estrangeiros,¹³ o escrivão Procópio Luiz Freire escreveu: “Frei João Maria de Agostinho, natural de Piemonte Turim, província da Itália, com idade de 43 anos, solteiro, profissão de Solitário eremita, vindo para exercer seu ministério”. Declarou estar residindo “nas matas do termo desta cidade, muito principalmente, nas [matas] do Morro da Fábrica de Ferro de Ipanema”. Abaixo da assinatura do escrivão, aparece a firma do próprio: “Giovanni Mã de Agostini, solitário eremita”. No canto da página o escrivão

¹¹ Exemplo disso é a obra de José Fraga Fachel (1996): “*João Maria: recusa dos excluídos*”. Os documentos descobertos foram usados para comprovar um modelo construído *a priori*, ou seja, a idéia de que aquele eremita veio preencher um espaço vazio deixado pela Igreja Católica e pelo Estado que não prestavam auxílio aos habitantes do interior do Brasil, estando esses “carentes” de todo tipo de assistência, seja religiosa, médica ou educacional. Em estudo recente, César Hamilton Brito Góes (2007) investigou como se deu o processo de santidade em torno dos monges, trabalhando com um recorte temporal extenso, de 1844 até 2003. Mesmo descobrindo novas fontes, não chegou a conclusões diferentes que esclarecessem melhor a vida e trajetória do monge italiano.

¹² Primeiramente Carlo Ginzburg e seu livro sobre o moleiro Menocchio (1987), depois Giovanni Levi (*Herança Imaterial*, 2000) e Edoardo Grendi (*Il Cervo e la República*, 1993). Apesar de o procedimento de tais autores ser um tanto diferente, ou aquilo que Henrique Espada Lima Filho (2005: 329-480) chamou de “A dupla alma da micro-história”, a microanálise é um método compartilhado por tais historiadores.

¹³ Documento descoberto por Maria Isaura de Queiroz (1955), e citado por outros tantos. O documento está na cidade de Sorocaba, nos arquivos do Gabinete de Leitura (GÓES, 2007: 89-90).

deixou uma descrição física do “frei”: “estatura baixa, cor clara, cabelos grisalhos, olhos pardos, nariz regular, boca dita, barba cerrada, rosto comprido”, finalizando com o seguinte detalhe: “Alejado dos três dedos da mão esquerda”.¹⁴ Registrou ainda que “frei João Maria” tinha vindo da província do Pará, tendo desembarcado no Rio de Janeiro pelo Vapor Imperatriz no dia 19 de agosto de 1844.

Com as informações registradas no Livro de Sorocaba, iniciei uma investigação por caminhos até então inexplorados como, por exemplo, a indicação de João Maria ser um frei e ter a profissão de “solitário eremita” a serviço de seu ministério. Redundâncias à parte, essa designação nos dá indícios importantes, levando a supor que entre suas tarefas estivesse o trabalho de catequização e evangelização, tal era praticado por freis capuchinhos italianos que chegavam ao Brasil e iniciavam missões pelos sertões do Império na década de 1840.

Outro exemplo de pista a ser seguido é o fato de esse italiano ter se apresentado como “solitário eremita”. Eremitas não eram incomuns na história do cristianismo e, muito menos, na história da América colonial portuguesa.¹⁵ Durante os três primeiros séculos, vários missionários e eremitas se embrenharam pelos sertões desconhecidos do Brasil em busca da evangelização dos gentios ou de uma vida solitária em alguma gruta ou cerro. O eremita, muitas vezes, também era missionário, evangelizando não somente os índios, mas também negros e portugueses que habitavam em locais distantes dos centros coloniais. E vários deles foram seguidos por multidões de fiéis que projetavam em tais personagens atributos de santos, sendo o principal o poder de realizar milagres. No século XIX, no entanto, este tipo de personagem estava em “extinção”, ou seja, não era comum encontrar um desses vagando ou morando pelos cerros, matas ou grutas do Brasil. O apogeu da vida eremítica se deu no século XVIII e mais concentrado em Minas Gerais, segundo Hoornaert (2008).

Voltando ao italiano Giovanni Maria de Agostini, nada indicava, em agosto ou dezembro de 1844, que este frei italiano era alguém “especial” que poderia ser considerado, *a priori*, um santo e seguido por uma quantidade expressiva de fiéis em busca de milagres, muito embora os atributos de santidade se fizessem presentes neste desconhecido. Em 1844, e antes dessa data, o indivíduo João Maria, ou Giovanni Maria de Agostini, não conhecia a “fama” que viria posteriormente, fruto de um acontecimento que perturbou sua trajetória e

¹⁴ O detalhe de ser alejado de três dedos da mão esquerda, surpreendentemente, não levantou qualquer discussão entre os pesquisadores. Em outro artigo apresento uma foto deste Eremita, onde podemos ver que não lhe faltavam três dedos, antes tinha seus dedos atrofiados, e isso pode ter sensibilizado ainda mais as pessoas que o consideraram santo. Cf. Karsburg (2007).

¹⁵ Autores como João Camilo de Oliveira Torres (1968), Eduardo Hoornaert (1974), Riolando Azzi (1977) e Pedro Ribeiro de Oliveira (1978) estudaram a tradição eremítica no período em que o Brasil era colônia portuguesa.

que faria nascer a tradição dos monges santos no sul do Brasil: os milagres das águas santas no interior do Rio Grande do Sul.¹⁶ Porém, antes disso, qualquer registro documental feito no Brasil que traga o nome do italiano não deve ser visto como produzido em função de ser ele um “santo milagreiro”. O jornal *Diário do Rio de Janeiro*, em 19 de agosto de 1844, mencionava a chegada de vários passageiros entre brasileiros e estrangeiros, não acrescentando nada além de ser “*Giovanni Ma de Agostini*” um italiano. E o escrivão de Sorocaba, em 24 de dezembro do mesmo ano, tomou um procedimento normal à época, que era registrar a chegada de todos os estrangeiros à Freguesia, anotando dados básicos dos indivíduos para que as autoridades locais pudessem controlar o trânsito de pessoas estranhas à sociedade. Portanto, nada de espetacular pode ser atribuído ao ainda frei João Maria de Agostinho, o “solitário eremita”. Esses documentos nos revelam pistas importantes, mas não devemos supervalorizar o jornal ou o Livro de Registros de Sorocaba, pois que fizeram referência a este indivíduo simplesmente por ser ele um estrangeiro.

Contudo, as recentes descobertas que fiz irão propiciar avanços no estudo da trajetória e personalidade do eremita italiano. Apesar de a maioria desses registros documentais relatarem mais sobre as águas milagrosas do que sobre o monge, os poucos documentos que tentam explicar a permanência do italiano no Brasil são desafiadores, pois que mostram um indivíduo complexo, por vezes contraditório, mas, acima de tudo, dotado de uma racionalidade maior do que poderia se esperar. Ele sabia jogar com as circunstâncias, mobilizando recursos em benefício próprio, aproveitando-se das situações que surgiam. Obviamente que nem sempre suas ações lhe eram favoráveis, pois não conseguia controlar o impulso popular pelo maravilhoso: o povo o tomava como santo, e como todo santo, poderia fazer milagres. Mas não é somente o monge milagroso que transparece nas fontes: como todo indivíduo, até mesmo um eremita necessitava sobreviver. Para isso, fazia rosários e cruzes de chumbo que trocava por mantimentos, bem como prestava auxílio para pessoas com doenças de pele, ensinando o modo de usar um unguento sobre as enfermidades. Além disso, passava em vigílias noturnas rezando para si e por todos os “filhos de Deus”,¹⁷ e esse comportamento o acompanhou até o final de sua vida – em 1869 em uma gruta no deserto do Novo México – uma vez que os pesquisadores dos Estados Unidos destacaram que “o Solitário” exercia esse tipo de ofício.

¹⁶ Conforme nota 9.

¹⁷ Estas informações foram transmitidas ao Ministro da Justiça por um vigário de Santa Catarina e um inspetor de Quarteirão do Rio de Janeiro, do distrito da Lagoa. Durante um curto espaço de tempo, entre agosto e setembro de 1844, o eremita habitou na Pedra da Gávea, no Rio de Janeiro, rumando logo a seguir para Sorocaba. AN, Série Justiça, IJ 1 – 558. O documento do vigário é de 23 de fevereiro de 1849; o do inspetor de Quarteirão, 3 de abril do mesmo ano.

Referências bibliográficas

ARCHULETTA, Phil T., HOLDEN, Sharyl S. (org.). *Traveling New Mexico: a Guide to the historical and State Park Markers*. Sunstone Press, 2003.

AZZI, Riolando. “Os religiosos e o movimento de reforma católica no Brasil durante o século XIX”. *Revista Convergência*. Rio de Janeiro, ano 8, n. 82, 1975, pp. 301-317.

_____. “Evangelificação e presença junto ao povo: aspectos da história do Brasil”. In: *Religião e catolicismo do povo*. Curitiba, Universidade Católica do Paraná, 1977.

BACA, Elba Cabeza de. *Legends of a hermit*. ENMU-Portales, s/d.

CABRAL, Oswaldo R. *João Maria: interpretação da Campanha do Contestado*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.

CAMPA, Arthur L. *Treasure of the Sangre de Cristos: tales and traditions of the Spanish Southwest*. University of Oklahoma Press. 1994.

ESPIG, Márcia Janete; MACHADO, Paulo Pinheiro (orgs.). *A Guerra Santa revisitada: novos estudos sobre o movimento do Contestado*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

FACHEL, José Fraga. *Monge João Maria: recusa dos excluídos*. Porto Alegre; Florianópolis, Editora da UFRGS; Editora da UFSC, 1995.

GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOES, César Hamilton Brito. *Nos caminhos do Santo Monge: religião, sociabilidade e lutas sociais no sul do Brasil*. Tese de doutorado em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

GRENDI, Edoardo. *Il Cervo e la Repubblica: il modelo ligure di ântico regime*. Torino: Einaudi, 1993.

HOORNAERT, Eduardo. *História da Igreja no Brasil. Primeira Época. Período Colonial*. 5ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. *Formação do catolicismo brasileiro 1550-1800*. Ensaio de interpretação a partir dos oprimidos. Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 1974.

KARSBURG, Alexandre de Oliveira. *O Eremita do Novo Mundo: a trajetória de um italiano pelos sertões brasileiros no século XIX*. Revista Eletrônica de História do Brasil. Juiz de Fora, volume 9, número 2, jul-dez, 2007. Endereço eletrônico: http://www.rehb.ufjf.br/?c=artigo&cd_art=25

LEVI, Giovanni. *Centro e periferia di uno Stato Assoluto*. Turin: Rosenberg & Seller, 1985.

_____. *A Herança Imaterial: a trajetória de um exorcista no Piemonte no século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LIMA FILHO, Henrique Espada. *A micro-história italiana*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. *Evangelização e comportamento religioso popular*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1978.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *La Guerre Sainte au Brésil: le mouvement messianique du Contestado*. Tese de Doutorado, École Pratique des Hautes Études, Universidade de Paris, 1955. (Publicada no Boletim n. 187 da FFLCH-USP, São Paulo, 1957).

TORRES, João Camilo de Oliveira. *História das idéias religiosas no Brasil*. A Igreja e a Sociedade Brasileira. São Paulo: Editora Grijalbo, 1968.